



O COSMOPOLITA

Orgão dos Empregados em Hotéis, Restaurants, Cafés, Bars e classes congeneres

ANO II - N. 9

Rio de Janeiro, 1 de Maio de 1917

REDAÇÃO
Rua do Senado 315-317
Telefone Central 1499

A TRAJEDIA DE CHICAGO

Primeiro de Maio

Salve 1. de maio, data gloriosa em que o proletariado pela primeira vez manifestou praticamente no terreno econômico da luta social, o poder da sua ação inteligentemente orientada nos princípios revolucionários surtidos no seio da Internacional Operária, e no terreno moral definido em linguagem clara e convincente os seus sentimentos altamente humanos, proclamando as suas aspirações sublimes de justiça e liberdade, como anunciando uma nova era de paz e felicidade universais, em substituição ao desumano sistema social capitalista que peza e magadadoramente, com toda a sua avalanche de injustiças legalizadas, sobre os ombros da família proletária!

Os produtores de todas as riquezas existentes sobre a terra, aos quais a sociedade burguesa lhes nega o direito de participar do consumo dos produtos que o poder dos seus braços e dos seus cérebros acumulou, nesse dia histórico, de gratas e inolvidáveis recordações, resolveram decer das altas regiões teóricas das diversas correntes filozóficas do socialismo, com os conhecimentos adquiridos no estudo do sociologia, no terreno pratico da luta pelo direito à vida, direito que não deve ser concedido por nenhum ente julgado superior, e sim tomado por todos e cada um de nós, na medida das necessidades fisiológicas impostas pela natureza.

A arma escolhida pelo proletariado, para arrancar das mãos ferreas da burguezia um pouco mais de bem-estar, foi a greve geral. Ela estourou aterrorizante nos olhos atônitos da burguezia americana, que alarmada com a atitude inesperada dos milhares de famintos que ela trazia e traz ainda hoje sob o guante da sua escravidão, intranquilizou-se ao presenciar o desenrolar dos acontecimentos, pensando, talvez, que houvesse chegado a hora por nós tão desejada da queda fragorosa dos seus reinos ilégios.

Ente que todos os companheiros que se interessam pela questão social estão mais ou menos ao par dos acontecimentos desenrolados nos Estados Unidos da America do Norte, em 1. de maio de 1886, e que teve como epilogo tragico o crime hediondo praticado pelo governo daquele paiz, que alardeia ser o mais liberal do mundo, contra oito trabalhadores dos mais ativos que, inocentes, foram pelos verdugos de Estado arrancados violentamente ao carinho das famílias para leva-los ao cadafalso erguido na cidade de Chicago a 11 de novembro de 1887.

Contudo isso não nos priva de fazermos aqui um pequeno resumo historico dos sucessos que motivaram a consagração do 1. de maio pelo proletariado organizado sob os auspícios da Internacional, como um protesto vibrante, por meio da greve geral, contra o assassinato legal praticado pela burguezia americana no apogeu febril da sua loucura.

Naquella época, o desenvolvimento industrial dos Estados Unidos tomara um incremento assombroso, e, como era de esperar, não demorou em refletir esse fenomeno no seio do proletariado, suscitando uma verdadeira revolução intelectual em face da questão social. O progresso industrial dos Estados Unidos coincidiu com a época em que os governos europeus estavam exercendo uma pressão sistematica sobre os militantes do socialismo e do comunismo anarquico. Muitos propagandistas, cansados de sofrer as violencias governamentais, emigraram para a America, a procura de um campo mais livre e mais acessível à difusão das idéas. Os arautos das grandezas da America do Norte, na Europa, faziam com grande alarde e numa linguagem falaciosa e colorida a apologia das suas incomparáveis liberdades.

Ora, a perspectiva de facilidade de colocação nas industrias da *libre Republica*, e um quadro tão majestavelmente pintado das suas grandezas e liberdades, animava aqueles que continuamente viviam perseguidos pelo corpo de policia secretas internacionais (especialmente creado para perseguir os militantes operarios), e partiam com destino ao novo mundo com esperança de melhor estar futuro. O proletariado que vivia nos E. Unidos já por diversas havia demonstrado o seu espirito de combatividade em alguns movimentos grevistas efetuado em prol das 10 horas. Foi lá que o proletariado deu o primeiro passo no caminho da emancipação social.

De 1870 — quando foram conhecidos os primeiros sinais da Internacional, com a organização dos trabalhadores alemães — a 1876, foi um periodo de permanente efervescencia das forças proletarias.

Em 1880, foi fundada uma poderosa organização que recebeu o nome de "Federação dos Trabalhadores dos Estados Unidos e Canada" afim de congregar o proletariado em volta de uma unica bandeira, porta voz de um ideal comum.

Na primeira das suas grandes reuniões realizadas em Chicago, em outubro de 1884, foi deliberado declarar-se a greve geral pela conquista das 8 horas de trabalho em 1. de maio de 1886.

A data estipulada para a declaração da greve geral foi precedida de uma intensa propaganda inteligentemente organizada pelos militantes mais ativos da organização operaria. Primeiramente surgiram algumas discordancias dos militantes anarquistas, que não estavam de acordo com a greve geral, mas felizmente o desacordo não se prolongou por muito tempo, compreendendo logo todos os trabalhadores a necessidade imperiosa de, num resgo de heroismo, darem as suas preciosas vidas pela sua causa.

A propaganda em favor da greve assumiu uma tal intensidade que, mesmo antes de ter chegado o momento da luta, muitas classes já haviam conseguido as 8 horas de trabalho.

Chegado o dia 1. de maio, em todas as grandes cidades americanas paralizaram-se as industrias, fecharam-se as fabricas e as officinas, o tráfego de veiculos cessa por completo, e milhares de operarios percorrem as ruas das cidades reclamando o seu direito à vida. A burguezia treme espavorida ante o clamor das suas victimas e refugia-se nos seus palacios, deixando o povo, a canalha, entregue à policia embaldada.

Os conflitos entre os operarios e os guardas da burguezia sucedem-se.

A 4 de maio é convocado um comicio em Haymarket afim de protestar contra as violencias praticadas pela policia nas ruas de Chicago. Milhares de operarios se reuniram em Haymarket numa impressionante manifestação de solidariedade com as victimas da violencia organizada. Inesperadamente avança precipitada uma numeroza força de policia sobre aquele formigueiro humano no intuito vizível de dissolver a pacifica reunião.

Quando o ataque estava eminente da parte da policia, cruzou o espaço um corpo luminoso, que caindo entre a primeira e a segunda companhia produziu estouro formidavel.

Uma bomba fora lançada por mão ignorada no meio da força policial.

Estabelece-se o tumulto. A policia atira sobre o povo e este responde-lhe com as mesmas armas.

Qual o fim almejado pelos que combinaram o atentado com infernal e perverso sangue frio?

E' que as cabeças dos militantes das novas idéas estavam de antemão compradas ao Estado pela burguezia; era necessario arquitetar um plano maquiavelico afim de consumir o crime. Ato continuo, a policia prende Augusto Spies, Michael Schwab, Samuel Fielden, Adolfo Fischer, Georg Engel, Luiz Ling, Oscar W. Neebe, Rodolfo Schmaubelt, William Seliger, este ultimo vendido covardemente à policia, e levam-os à barra de um tribunal.

O CRIME

Era chegado o momento de extrema gravidade para os militantes mais ativos na propaganda dos principios socialistas.

Os esbirros da burguezia, supostos mantenedores da ordem social, tinham finalmente conseguido o intento.

Os seus planos infames de arbitrarías perseguções eram urdidos calmamente, metodicamente, de parceria com a imprensa mercenaria, que em linguagem violenta pedia em altas vozes a pena de morte para os 8 camaradas caídos nas garras de um tribunal vendido. Havia chegado o momento decisivo para o proletariado afirmar, como classe explorada, o seu direito à vida, perante uma outra classe exploradora, senhora de todos os gozos e regalias.

Impunha-se a necessidade de definir bem claramente o antagonismo de interesses existente entre as duas classes em que esta dividida a sociedade capitalista, afim de congregar as forças proletarias, que dispersas, ainda viviam isolados da organização obreira.

O proletariado estava de fato, em face do momento mais culminante da sua historia. Estava iniciada uma luta titanica, sem quartel, que só terá fim no dia em que a sociedade burguesa ruir sob a pressão sistematica dos elementos que aspiram uma melhor estar de vida para a humanidade.

A burguezia, alarmada, corre precipitada sobre os supostos responsáveis pelos acontecimentos, que ameaçavam erionmente os seus privilegios de casta parazitaria, e preza de um momentaneo estado de loucura, condena a morte 7 trabalhadores inocentes e um a 15 anos de presidio.

O proletariado universal ao ter conhecimento do resultado da comedia representada nos tribunais de Chicago, ergue-se unanimemente, num gesto ativo de solidariedade, protestando junto ao governo dos Estados Unidos contra o seu infame proposito de ter

UM GESTO QUE JÁ TARDA...



Sobre as ruínas da civilização burgueza o proletariado prepara-se para erguer a sociedade ideal de justiça e amor

tar assassinar oito homens pelo simples fato de serem socialistas anarquistas.

O governo norte americano, genuino defensor de todas as castas privilegiadas, como todos os governos, cedeu momentaneamente as ameaças do proletariado universal, principalmente do Inglez, e não consumou o fato.

Entretanto os condenados ficam internados nas prizoas de Chicago, esperando as rezoluções dos altos magistrados da justiça.

O tempo corre e o proletariado distrai-se do assunto, dando lugar a que o governo americano realizasse o seu intento.

Em 11 de Novembro de 1887 sete homens inocentes são enforcados na cidade de Chicago. Os defensores da ordem social burgueza, podiam dormir descansados porque o socialismo e o anarquismo tinham sido enforcados.

Era a anarquia e o socialismo que os magistrados americanos pretendiam assassinar.

Aqueles oito homens levados à barra do tribunal eram inocentes mas eram anarquistas, e como tais, com eles morria a anarquia.

R. Rodrigues Martins.

Impérea Marte!

Continúa a gigantesca guerra como se defendesse o mais sagrado direito que reverteria para esta humanidade infeliz, tão cheia de preconceitos estupidos, que a traz preza aos hierárquias da sociedade obtusa, formada de uma hierarquia criminosa, onde impera o culto da incompetencia em todas as suas formas multiplicas; sociedade sem raciocinio, onde os homens se devoram uns aos outros em holocausto do que?

Se agarrarmos um dos milhões de combatentes, e lhe perguntarmos qual o ideal por que se bate — ele, ignorante da extensão dos seus crimes, não responderá com um absurdo muito longe da verdade.

Os campos da Europa jazem banhados de sangue de milhões de homens, que constituem a mocidade sã, atleta e vigorosa das nações em luta. Um tanto tristissimo de grande extensão, paira sobre o mundo conflagrado...

Milhões de braços sacriligidamente destroem as obras dos seculos passados. Os guerreiros num momento de reflexão, se arrependem da sua obra de destruição. A enormidade dos fatos barbaros que tem revelado esta guerra, nos dá a prova de nosso instinto, selvagem, indomavel, da nossa refinada crueldade.

Não escrevo para burocratas, nem para a burguezia satisfeita, que, de lapis em punho, joga com a ciencia dos numeros, para arrancar um calculo certo, que irá enchendo as suas arcas muito honradamente... a custa da plebe embrutecida, que tudo produz em superfluo, para depois adquirir o que necessita para a sua existencia, com dificuldade.

Nós, os trabalhadores, não devemos nos lucramos ser patriotas, não devemos ter paixões partidarias pelos paizes em luta, mas sim, devemos fazer um juizo breve e acertado de que é a guerra em si, para o trabalhador.

Os milhões de trabalhadores que em tempo de paz, se dedicavam a fazer os artigos de primeira necessidade, artigos de luxo, etc., etc. onde os vemos hoje? Completamente divididos em facções guerreiras, a matarem-se uns aos outros sem a menor compreensão dos seus atos.

Os mandantes destes crimes, ainda não satisfeitos, impulsionam os paizes neutros à luta com concepções ou falsas promessas. Os demagogos em todos os paizes não faltam, para fazer soar a corda mais sensível

Essa hipotese absurda feita pelos homens da justiça americana, ficou cabalmente destruida pelas victimas no mesmo tribunal que os condenou a morte, no momento de ser conhecida a sentença dos jurados, nos veementes discursos por eles pronunciados.

Eles tomaram a si o encargo de explicar perante o tribunal os fenomenos sociais que por determinismo naquela data grandioza colocava a classe proletaria frente a frente com a classe capitalista.

Eles disseram bem alto nos ouvidos dos tiranos do povo, que nos Estados Unidos, a 1. de maio tinha sido iniciada uma luta, que não terminará no mundo enquanto não for abolida a escravidão economica, o salario e a propriedade privada.

E aqui terminamos o nosso modesto resumo de uma data memoravel, com as palavras de Bovio:

«Anarquico é o pensamento, e a caminho da anarquia vai a historia.»

R. Rodrigues Martins.

Muito Bem!

Enquanto o governo, servindo aos interesses capitalistas, cauzadores da luta que ensanguenta o mundo, encontra trava nas ruas desta capital a solidariedade da sociedade burgueza, o operariado livre e conciente procurava fazer ouvir o seu protesto, com palavras e gestos bom significativos.

Ao passo que as bandeiras das nações aliadas nesta guerra de interesses passeavam em charóla pelas ruas e praças ao som de hinos belicosos, o trabalhador que outra couza não vê na existencia senão o amor à humanidade, corria arriscando a vida, para essas praças num heroico movimento de repulsa.

Na alma dos que, cá de fóra, embora longe do teatro das lutas operarias, tal couza assistiam, ia se operando um emocionante transporte porque afinal a atitude dos pensadores ia calando fundo.

Justo é que nesta coluna fique bem nitida a impressão que nos deixou o operariado organizado — a vitima inocente de todo esse dezenrolar de acontecimentos dolorozos para os quais ele não concorreu.

E' natural que fique aqui bem patente a nossa admiração por termos que neste pedaço do mundo os homens que alimentam com o seu sangue a fantasmagoria dos graúdos se erguerem sombranceiros contra a barbaria que é a guerra entre os povos.

Quando outro valor não tenha a atitude assumida pelos trabalhadores, provado ficou que os produtores de tudo quanto gozamos vão, felizmente, traçando a senda desejada, conciente do ideal que tanto os anima e dignifica.

Orestes Barboza.

(Da Associação Brasileira de Imprensa)

A NOSSA GUERRA

A comemoração do 1. de maio deve ser feita este ano com o mais ativo e enérgico protesto contra a maldita conflagração europeia e contra os governantes deste paiz que pretendem conduzir o povo ao mais cruel e feroz morticínio.

Todos os individuos de intelligencia esclarecida e de bons sentimentos devem vir hoje à praça publica lançar o seu veemente protesto contra a corja de patifes que querem levar o povo à infernal chacinha.

Os trabalhadores, victimas de todos os potentados, não têm por enquanto uma patria a defender. Os proletarios aqui nados são explorados igualmente como quaisquer outros vindos de outros paizes. Os capitalistas não se preocupam com a nacionalidade dos seus explorados, a todos exploram da mesma forma o trabalho fecundo e exuberante. Para a guerra que vá toda a cambada de parazitas e de fanfarrões patrioteiros que muito gritam... mas deixem o povo socegado.

Nós também pretendemos fazer a «nossa» guerra, para a qual nos estamos preparando e dispostos a queimar o ultimo cartucho pelo seu heroico triunfo. Mas a que nós queremos é diferente desta. A nossa é contra a sociedade burgueza. A nossa é pela expropriação.

Joly.

Abaixo, pois, as tiranias que degradam o homem!

Viva a liberdade perene e igualitaria!
Viva Anarquia ideal que redimirá esta humanidade corroida pelos preconceitos absurdos.

A guerra é o extermínio, é o estrago, é o massacre, é a fome, é o imperio da morte! Guerra pois à guerra! Viva a vida nos seus esplendores são — viva a ANARQUIA, ideal redentor de toda a humanidade sofredora e expoliada!

Necessário é pois, prepararmos para a Revolução das Revoluções que hão de demorar a sociedade abastardada pelos senhores da terra.

Viva a terra livre!
Viva a anarquia!

Albino Dias.

IMAGINATIVAS

Amante e devoto da leitura, como todo o operário emancipado, que procura nos livros a luz que ha de guiar-lo na senda da sua liberdade, não me posso furtar ao ensino, logo que saio da labuta quotidiana do trabalho, de consagrar-me afavelmente aos ensinamentos filosóficos dos grandes mestres, dos grandes vulgarizadores cientistas e moralistas. Foljava estas noites passadas, que, lendo a preciosa obra de Emilio Bossi, «Cristo nunca Existiu», uma profunda senciencia se apoderou de mim, produzida, sem duvida, pelo ambiente pezoado e ofegante que reina neste paz tropical, e, como se fosse uma pomba mensageira, transporto-me nas suas azas ao reino de Morfeu.

Sonhei então que me achava em um paiz estranho, delicioso... A natureza do solo offeria um aspto fertil e ezuberante. Planicies imensas, até perderem-se de vista, estendiam-se para o horizonte, surcadas por rios encantadores e magníficos, marjeados de arbustos ezoticos, duma verdejante e rara folhagem.

Vagando á mercê da fantasia, achava-me dentro dum lindo aeroplano pilotado por uma formozza joen de uma belleza rara e incomparavel... O aparelho, com uma velocidade verdadeiramente fantastica, deslocava o espaço como um passaro.

Subito, como um enorme matagal de lanças, descobri uma intensa cidade, de torres lindas e agudas como flechas...

Era a grande cidade da «promissao», que se erguia tranquila no reino da felicidade... Subito, o aparelho, ezeutando uma destre manobra em espiral, fez a «aterrissagem» naquelle risonho e misterioso solo, cujos habitantes eram duma fizionomia bella, duma cultura adoravel...

A estetica da cidade era soberba... Não ezistiam cazebres velhos, anti-higienicos, senão amplos e confortaveis palacios que atestavam a mais valioza arte... Depozitos imensos, abarrotados de productos, achavam-se com profuado respeito á parte, onde o povo, aquelpovo alegre e satisfeito, ia e vinha em continuo movimento, á efectuar o abastecimento de productos mediante «vales» registados pela Comuna, na mais alegre e humilhante de ideias.

Não existiam vastos e luxuosos «magazines» onde se ezibiam os mais finos e apurados trajas achavam-se em grande escala a disposição do povo que se considerava igual perante a lei da natureza.

Em vez de egrejas erguiam-se soberbas portentosas bibliotecas que guardavam no seu interior numerosas obras destinadas a difundir conhecimentos científicos e filosóficos sem o menor assombro de interesse, pois que ninguem aspirava a cargos nem a proventos rendosos, sendo o ensino das ciencias, e das artes gratuito para todos; o medico em vez de empregar a terapeutica em beneficio dos privilegiados, com menosprezo dos desherdados da fortuna, tornava-se o verdadeiro redentor, o messias esperado, na sua alta missão de vivificar e consolar a humanidade sem distincção de classes. Em lugar de quartéis, cadejas e outros estabelecimentos de crimes, e de torturas, adopravam-se amplas e elegantes catedras de ensino, nas quais verdadeiros e competentes pedagogos ministravam cordialmente os conhecimentos puros e regionais da ciencia, assentos do erro e dos prejuizos dogmaticos de setarismo, cujo applico desejo supportava na compensação da dos direitos de cada individuo, e na interpretação da etica justica.

Não existia miseria, A ignorancia era quasi desgonhada, reinando por toda a parte a alegria eo bem estar, porque o interesse unico gerador das dissidencias humanas, havia desaparecido para dar lugar á fraternidade e ao amor que reinavam soberbamente entre os homens.

Sup-não ainda miasimilhas divagações feitas de sonho, ajudavam-me a encontrar a alegre, duma alegria, soada como, propriamente se diz, e que me fazia balançar no imenso oceano de uma harmoniosa felicidade... Não existia mais o ambiente pesoadastante; Morfeu havia transformado, num instante, as condições climatéricas, para disputar então um puro e delicioso ambiente, em harmonia com aquele paiz tão risonho e tão feliz...

De continuo via maravilhas e obras estupendas: maquinas enjehos, empregadas em todos os trabalhos, multidão de invenções em todos os ramos da atividade humana, tornando assim o trabalho agradável á humanidade... A produção se era elevada em produção ao consumo, conforme as necessidades sociais...

As ciencias, as artes e as industrias haviam alcançado um desenvolvimento assombroso, estupendo. Numeras fabricas e oficinas funcionavam na elaboração de todos os utensilios e productos destinados ao povo. Soberbas e gigantescas locomotivas circulavam nas estradas de rodagem, fazendo o intercambio de productos com os trabalhadores de outros paizes, Aeronaves monstruosas cruzavam o

espaço em continuo vai-vem, efetuando os transportes dum continente ao outro na mais estupenda missão de solidariedade humana. O trabalho, enfim, era ezeutado todo com maquinismo, tornando-se agradável e recreativo aos trabalhadores, em vez de mortifero e extenuante.

Os produtos elaborados eram destinados aos grandes depozitos comuns, cujos proprietarios eram os trabalhadores, desconhecendo-se os senhores, bem como os titulos de propriedade «privada», os direitos de acesso e os privilegios ominosos. Não existia governo hierarquico nem autoridades, governando-se o povo pelo livre acôrdo.

Reis, presidentes, ministros, juizes, advogados e demais coorte de parasitas e exploradores da humanidade haviam desaparecido, já de longa data, assinalando-se na historia a sua existencia como a mais funesta ao bem da humanidade...

A «Constituição» resumia-se numa unica forma que harmonizava os interesses gerais, e respeitaveis e sagrados direitos, a qualera: «a cada um segundo as suas necessidades e de cada um segundo as su as forças».

A minha impressão era encantadora, deliciosa, não havendo frases que possam descrever a soma felicidade que experimentava...

Subito acordei, deparando-me então com a realidade desta vida, em doloroso contraste com aquella que acabava de contemplar através da fantasia... Quiz continuar a minha leitura, mas a saudade profunda, sublime, daquelle sonho, determinava-me o aborrecimento, fisico.

Abri então a porta e fui procurar na brisa suave da noite a extinção a minha magoa profunda...

M. Esteves

Azeite Renascença

Cada lata contém um litro certo
HENRIQUE SANTOS & COMP.
 ASSEMBLEIA N. 20 — Rio de Janeiro
 Teleph. 316 Central

As vitimas ante o Tribunal

Como prova da firmeza de convicções e do incomparavel espirito de estoicismo dos martires transcrevemos aqui os trechos mais importantes dos seus discursos.

Spiès diz — Ao dirijir-me a este tribunal, faço-o como representante de uma classe em frente de individuos de outra classe inimiga, e começarei com as mesmas palavras que um personagem veneziano começou ha cinco seculos perante o Conselho dos Dez, em occasio semelhante: «A minha defeza é a vossa acenação; meus pretendidos crimes são a vossa historia.»

«Ao terminar o seu vibrante discurso, de uma critica mordaz contra a sociedade burgueza, anatematizou os seus defensores com as seguintes palavras: «Salve, tempo em que o nosso silencio, sera' mais poderoso do que nossas vozes, hoje sufocadas com a morte! Fiz uma exposição clara das minhas ideias.»

«Elas constituem uma parte do meu ser. Não posso prescindir delas embora queira. E si por ventura pensais que tendes aniquilado estas ideias, que ganham terreno de dia para dia, mandando-nos a forca; si uma vez mais applicais a pena de morte por atrevermos a dizer a verdade e vos dezafirmos que demonstrais que mentimos alguma vez — eu vos digo, si a morte é a pena por vós imposta pelo crime de proclamar a verdade, estou disposto a pagar-a a tão caro preço. Enforcai-nos!»

Oscar Neche condemnado a 15 anos de presidio, depois de terminar o seu discurso, diz: «Pois bem; me entristece a ideia de que não me enforcarei, enforcado juizes, porque é preferivel a morte rapida á morte lenta em que vivemos.»

Tenho familia, tenho filhos, se porventura souberem que seu pai morreu o chorariam e receberiam seu corpo para enterrar-o. Eles poderiam vizitar a minha tumba mas não poderiam em caso contrario entrar no presidio a ver um condenado por delito que não cometen.»

Eis ni tudo o que tenho a dizer: Eu vos suplico. Deixai-me participar da sorte dos meus companheiros! Enforcai-me com eles!»

«Que heroismo! Como sabem morrer os martires das grandes ideias.
 Luiz Lingg — Vos desprezo: desprezo a vossa ordem, vossas leis, vossa forca e vossa autoridade. Enforcai-me!»

Parsons, que voluntariamente se apresentou a policia de Chicago, ao terminar o seu longo discurso, que durou oito horas diz: «Sómente to tenho que acrescentar: ainda neste momento não tenho de que arrepende-me!»

O valor, a altivez e o heroismo dos martires foi acompanhando até o ultimo momento pela solidariedade de suas familias.

A mãe de Lingg numa carta remetida no ultimo dia da sua sentença em presidio dizia: «Eu tambem, como sabes, tenho lutado duramente para ganhar pão para ti, para tua irmã e para mim mesma e é tão certo como neste momento me sinto com vida, que depois da tua morte estarei tão orgulhosa de ti como estive durante toda a tua vida.»

«Declaro que se eu fosse homem, teria procedido da mesma forma que tu.»

A esposa de Parsons diz: «Se de mim depende que Parsons peça perdão, que o enforcuem.»

Sera por ventura possível acreditar no aniquilamento de ideias tão sublimes, quando tem como propagandistas homens tão altivos?»

Convença-se a burguezia que um ideal que contou com homens de tal tempera não se elimina com canhões, bayonetas nem forcas, e sim com o desaparecimento do sistema social burguez.

O amigo Méritarte

(Tradução especial para
 O Cosmopolita)

O amigo Méritarte que via no homem um animal artistico, esforçava-se por criar uma arte culinaria, que satisfizesse não sómente o apetite e a gulosidade, mas se dirijisse tambem á inteligência, como fazem as outras artes.

Ha cerca de dois annos que, na sua pequena sala de jantar, de janelas para o pateo, num quinto andar da rua Nollet, saboreamos (eramnos quatro, com ele) o emocionante espectáculo do seu primeiro drama comestivel.

As entradas, compostas de chouriço de Vire e de lombos de arenques de funeiro, tinham uma apparencia sinistra, que nos confranjia o coração ao mesmo tempo que ativava o nosso appetite, e a fnebre sopa de lentilhas, que appareceu a seguir, não deixava de nos inquietar no tocante á maneira como terminaria essa festa singular. Trazia-se uma cena teatral. Pois efectuou-se sob a forma dum pato á ruazeira, cujos sacos sangrentos que os convivas decorativos se disputavam entre si, produziram o effeito dramático que se esperava. E quando, após uma lugubre salada Rachel, composta de batatas das mais amarelas e de trufas das mais negras, o amigo Méritarte, determinadamente, perturbou a nossa alma com as detonações dum grande numero de garrafas de champagne, a emoção tocou ao cume, e como não houve nem queijo nem sobrezeza de especie nenhuma, mas sómente um pouco de café morno sem assucar, nós partimos num estado de malessa difficil de descrever, e a impressão que nos deixou este primeiro drama culinário jamais desaparecerá das nossas memorias.

Alguns tempo depois dessa sombria tragedia, o amigo Méritarte convidou-nos para um jantar de comedia. Houve primeiro uma sopa madrilena gelada, que provocou sorrisos. Mas toda a gente rebentou de rizo quando o nosso anfitrião nos informou sobre a origem tannica das *criadillas* que se seguiram. As faces se tornaram ainda mais estuziantes em torno de uma cabeça de vitela, cuja bufoneria a tal ponto nos divertiu que apenas deixámos a salsa com que fora preparada. Um quarto de carneiro a sangrar não foi menos apreciado, pois o alho o que pertumava e o feijão de Soissons sobre o qual repouzava molemente nos pareceu um arranjo eminentemente comico. Enfim, nós nos rimos como corcundas, e o lindo vinho branco que nos propinava Méritarte favorecia a nossa alegria.

Mas o amigo Méritarte queria elevar a sua arte até ao lirismo. Uma tarde ele nos serviu uma sopa de aletria, ovos cozidos, uma salada de alface e de agrão e queijo com creme. Nós declarámos que isso era poezia sentimental e, deparado, o amigo Méritarte affirmou que se elevaria á altura da ode. E na verdade, um mez mais tarde serviram-nos um ensopado, com o qual a sua arte attingiu finalmente o sublime. Ele chegou mesmo a ensaiar a epopéa, com uma caldeirada cujo sabor mediterraneo nos fez evocar immediatamente os poemas de Homero.

Mas que surpresa para nós quando o amigo Méritarte nos comunicou que se entregava então á flozofia e nos convidava a ser seus discipulos na quinta-feira proxima. Fomos exatos e pontuais, mas advinhava-se na nossa fizionomia que a metafizica dos fornos nos inspirava pouca confiança. Tínhamos razão, porque foi servido um prato de ossos de boi, cuja medula deu-nos um trabalho a ser retirada; havia ainda cabeças de coelho, que tivemos de partir para chupar-lhes os miolhos; a respeito de sobrezeza, serviram-se amendoas, nozes e, como era dia de Reis, um bolo cuja fava não se prestava a dezignar um monarca, mas evocava simplesmente a sabedoria pitagorica, no fim desse banquete flozofico.

Temíamos que o dezabuzado amigo Méritarte não se refugioasse numa especie de devoção, e nos impuzisse jantares misticos. Enganavamos-nos: Méritarte que se havia elevado até á epopéa decaeu até ao romance e acabou por dezojar a cozinha, que era uma rapariga bonita. Tendo abandonado os fornos, a nova Mme. Méritarte, que se aborrecia com isso de nada ter que fazer, entregou-se á occupação de enganar o marido. Este, durante algum tempo parecia ter renunciado á sua arte. Mas, um dia, ele decidiu dar um grande jantar satirico, por o qual convidou sómente os amantes da sua mulher.

Erámos uma dezena de pessoas, além de Méritarte e a mulher. O repasto foi o mais dramático possível: sopa fnebre, carnes sangrentas, etc. Serviram-se cogumelos, que eu, não sei porque azizo, abstive-me de comer. O prato era copioso e toda a gente se regalou a fartar, menos eu que os deixei intactos. E não me arrependi, porque, no fim do jantar, os convivas, inclusive Méritarte, formamse tomando palidos, queixando-se de dores espantozas, e morream horas depois, todos, envenenados pelos cogumelos venozos.

Assim, a satira do amigo Méritarte attingiu verdadeiramente o fim em vista e matou aqueles que constituíam o objecto dela, inclusive ele proprio, que se sentia cansado de viver e que supunha ter esgotado todos os recursos da sua arte.

Por minha parte e por mais de uma vez, eu tenho tentado iniciar alguns cozinhadores nessa culinaria sublime descoberta pelo amigo Méritarte, mas eles não me comprehendem. Durante muito tempo ainda, tenho pensado, as tentativas artisticas desse homem de genio ficario no olvidado, sem continuadores. Entretanto nem todos os dominios dessa arte nova foram explorados e, de mim, tenho ficado sempre surprehendido ao pensar que o amigo Méritarte não tivesse feito nenhuma tentativa no genero historico. E verdade que ele não era absolutamente um erudito, nem um sabio, mas antes de tudo um homem de imaginação, um poeta muito particularmente dotado para o genero satirico.

Guilherme Apollinaire

GRANDE TINTURARIA LONDRES E lavagem quimica

Rua 7 de Setembro, 147
 Entre Uruguayana e Travessa de São Francisco de Paula
 Casa das duas Portas Largas. Ao lado das afamadas camas arame Serpa, Fazem-se concertos em Roupas de homem
 TELEPHONE N. 3093

A QUINZENA

1. de Maio — Os dois demagogos das Americas — Os estrangeiros

Não é intuito meu descrever os acontecimentos de 1886, em Chicago. Outros camaradas o farão com mais folego. No entanto, não deixarei de dizer que o 1. de Maio é uma data completamente nossa.

E' um dia de protesto, é um dia que lembra martirios de companheiros nossos, pelas reivindicações proletarias.

Luto e sangue...
 E' o que lembra o 1. de maio.

Injustiças!
 E injustamente foram sacrificados os camaradas de Chicago.

Luto e sangue — injustiças... lembra vingança?
 1886 já vai longe!

Vinguemos, pois, os martires de Chicago!

Neste transe cruel que atravessa a humanidade, salientam-se dois demagogos, um na America do Norte, o outro na America do Sul.

O do Norte é fiteiro.

O do Sul toma ares de mais serio, não sei se pela sua idade ou se para um fim colimado. O do Norte depois de deitar arenga, depois de fazer soar a corda mais sensível dos seus concidãos — o sentimento patriótico — o procura reunir em horda para combater os que elle consideram inimigos. O do Sul tem o verbo eloquente, majestozo como caudais que irrompem avassaladoras... O seu verbo, defendendo uma cauza sã, tocaria as raíes do divino.

A imprensa mercenaria, tanto fez, tanto bateu numa tecla que o fez expoente mássimo da nação. Todos os seus compatriotas dizem-no o homem mais intelligente. No entanto muitissimos poucos o lêm, pois sua obra é longa e enfadonha... mas a imprensa mercenaria unanimemente o diz ezovente mas, simo... e todos batem no peito.

Tudo se tem feito por elle, em reconhecimento do seu saber, por isso não será de exanhar o dia que a santissima Igreja Católica o canonize, pois quando tala invoça o nome de Deus.

Não sei se tencionará organizar algum batalhão voluntario, como o seu comparsa do Norte. Sabemos que elle dezeja ver este paiz em guerra franca com o grupo das nações dos Imperios Centrais. Para isso o seu verbo se tem feito ouvir — muitos aplaudem-no... se ha sinceridade nesses aplauzos... eu não garantio. Já um jornalista, fazendo a sua biografia, disse — Todos te aclamam mestre e poucos são os teus discipulos.

Que tem talento, isto é inegavel. Mas até hoje o seu talento tem servido unicamente em seu proveito.

E' considerado o homem que mais fala no paiz. A sua obra é tão vasta e de tantos matizes, que seus inimigos politicos nas refregas partidarias argumentam com ella, contra elle.

O do Norte é bronco e fiteiro, é caçador de feras e outras coisas mais. E' o senhor Theodoro Roosevelt. O do sul, é advogado celebre no seu paiz. E' o senhor Ruy Barboza.

Ambos são perniciosos. De suas ações, só tem a perder a humanidade.

O sr. coronel Medeiros e Albuquerque, na sua colaboração diaria do vespertino «A Noite», comentou «A representação operaria que a Federação Operaria rezolveu enviar ao presidente da Republica em favor da paz. S. Ex., não sei porque cargas d'agua, deixara aquelle dia, uma sexta-feira, de continuar com

CANTOS SOCIAIS

Filhos do povo

Filhos do povo soffreis em extremo,
 Lenta agonia, sem luz e sem ar,
 Mais vale o esforço dum ato supremo,
 Se a vida é pena, mais vale lutar!

Esse vil mundo que atroz vos consome,
 Sobre esses hombros, despótico está,
 Lançai-o á terra, matai-o de fome,
 Força suprema, que o braço vos dá.

Ah!
 Revolução,
 Abre o porvir,
 A exploração
 ha de succumbir!
 Levanta-te, povo leal,
 Ao grito de Revolução Social!

Ação, ação,
 Não pedir leis,
 Valor e união,
 Que livres sereis.

a encrecação da geração do ministro do Exterior.

Isto foi o que eu pensei, quando passai os olhos pelo jornal em que S. Ex. colabora a verificar que a sua habitual secção falava de operários.

Dispuz-me a ler. S. Ex. variava de assunto, o ministro já estava escapado a seu contento; já tinha provado nos leitores (se é que os tinha, eu não o sou, li-o porque falava de operários, e S. Ex. mudava de assunto) por a b que o ministro Lauro Müller é germanofilo e não póde deixar de o ser, assim provou com o que o ministro disse, ha alguns annos, da Alemanha, que S. Ex. tinha nascido em Santa Catharina, que seus pais eram alemães, que seus avós eram de 1870 e lhes tinham contado os feitos da guerra Franco-prussiana, e que o senhor ministro embeveceu-se com as historias contadas por seus avós, portanto germanofilo. Portanto não póde ser ministro das Relações Exteriores, não é do agrado do grupo das nações aliadas. E o presidente da Republica parece que não lê os artigos do senhor coronel Medeiros, pois até hoje, ainda não demitiu o ministro que Medeiros provou com bastante logica, ser germanofilo.

Não sei, se foi pelo mesmo metodo com que o coronel descobriu o germanofillismo do sr. Lauro Müller, que ele descobriu tambem que a Federação Operaria era uma associação de estrangeiros. Afirmando assim, foi como elle principiou o artigo de sexta-feira do dia 20 que enganou muita gente, pensando que S. Ex. tinha deixado o senhor Lauro Müller em paz.

S. Ex. entende que os operarios estrangeiros não podem se imiscuirem na politica internacional do Brazil; é uma afronta, diz elle. Os operarios estrangeiros só têm o direito de reclamar conjuntamente com os nacionais quando se tratar de conquistar melhorias no trabalho.

Pergunto eu, ao senhor Medeiros qual é mais pernicioso na questão do Brazil no conflito internacional? Será essa imprensa assalariada pelos Lafonts, essa imprensa estrangeira, que vinham diariamente ridicularizando a ação do senhor presidente da Republica e do seu ministro do Exterior, com relação ao conflito internacional, para que se definisse por um dos grupos beligerantes, ou dos operarios que protestam contra a carnificina em geral sem distincção de patrias, sem cores partidarias, mas que protestam porque em caso de guerra, serão eles as vitimas imediatas, eles os explorados em tempo de paz, eles os sacrificados em tempo de guerra, assim como estão sendo os seus companheiros na Europa.

Nós, os trabalhadores, somos como o Capital — não temos patria. Mas os estrangeiros têm o direito de se imiscuirem na politica internacional. Não se fala já na sua mobilização? Não será repatriado? Portanto implica nos seus direitos, quando eles se sentem bem aqui. Portanto é justa a sua intervenção.

Mas, o senhor Medeiros e Albuquerque, não perdeu tempo; ainda tinha que dizer do ministro, e aqui eu pouho duvida se S. Ex. teria escrito para falar de estrangeiros, ou se para atacar o ministro Müller...

Croio que S. Ex. já teria caído no ridiculo se não fossem os seus trinta annos de jornalismo. Contudo aconselho ao sr. coronel Medeiros, que apoente a sua pena caduca. Assim poderá evitar que a garotada irreverente e ruidosa assobie á sua passagem...

Será bom evitar o ridiculo.

Albino Dias.

Tomai de vez,
 O bem estar,
 Contra o burguez,
 Lutar! Lutar!

Quando num gesto viril, soberano,
 Numa revolta d'anteu produtor,
 Dissipe o homem neblinas de engano,
 Retome a terra, repita o senhor,
 Sobre os escombros a livre comuna

Ah!
 Revolução,
 Abre o porvir,
 A exploração
 ha de succumbir!
 Levanta-te, povo leal
 Ao grito de Revolução Social!

Ação, ação,
 Não pedir leis,
 Valor e união,
 Que livres sereis.
 Tomai de vez,
 O bem estar,
 Contra o burguez,
 Lutar! Lutar!

COMPREM
Jaquetas de alpaca..... 19\$000
Jaquetas brancas..... 9\$000
Alfaiataria Barra do Rio 200, Rua 7 de Setembro, 200

A REDUÇÃO DAS HORAS DE TRABALHO

Grande reunião no Centro Cosmopolita

Convindo encetar quanto antes uma intensa e energica campanha afim de forçar a classe patronal a cumprir a lei que estabelece as 12 horas de trabalho e descanso semanal...

A Circular do Prefeito

O sr. Prefeito do Distrito Federal, tomando em consideração a representação que lhe dirigiu o Centro Cosmopolita, resolveu enviar aos agentes municipais a circular, que a seguir transcreveremos...

O sr. Prefeito do Distrito Federal, tomando em consideração o pedido que lhe foi presente pelo Centro cosmopolita (sociedade Humanitaria e de Colocação dos Empregados em hotéis, Botequins, etc.) manda chamar muito especialmente vossa atenção para as disposições contantes dos arts. 99, 102 e 106 da lei n. 1726, de 31 de Dezembro de 1915...

Art. 99. — Os estabelecimentos que funcionarem além das 12 hora prescrita terão turnas de empregados, que não poderão trabalhar mais de 12 horas.

Art. 102. — Os negociantes que tiverem turnas de empregados são obrigados a comunicar ao respectivo Agente da Prefeitura o nome e o numero destes, as respectivas residencias, participando ao mesmo no prazo de cinco dias qualquer alteração, sob pena das multas e penalidades da presente lei.

Art. 106. — As infrações das disposições referentes ao funcionamento das cazas de negocios serão punidas com a multa de 500\$, que será elevada ao dobro nas dencias.

Por um capricho do acaso, cabe-nos traçar estas linhas exatamente na data em que no remoto ano de 1886, os comparsos norte americanos empenhavam-se numa luta sangrenta e titanica pela conquista diréta e energica das oito horas de trabalho!

Naquella época os trabalhadores norte americanos, tendo adquirido uma percepção bastante esclarecida do papel que o proletariado desempenha no vasto cenério da sociedade burgueza, afirmavam, digna e altivamente, frente a frente dos dententores da riqueza social, o seu direito a um talher no banquete da vida.

Concientes do seu direito á vida, como unicos produtores de todas as riquezas, proclamavam com dezasombro no seio das suas associações e nos comícios da praça publica os principios emancipadores do proletariado, remondando ás oriens do seu mau estar social, desvendavam as cauzas determinantes da iniquidade actual.

Recentemente os tipografos, linotipistas e demais classes anexas, em Montevideo, conseguiram implantar a jornada de 7 horas, (sete horas, notai bem!) com a dupla virtude de haver sido conquistada pela força positiva da

RIO-AVE O MELHOR VINHO VERDE QUE SE BEBE NO MUNDO

Pedir em todas as cazas de petisqueiras e molhados

UNICOS IMPORTADORES Rozario N. 133

MOURÃO & C.

organização proletaria, sem supplicas nem representações aos poderes publicos, que quando conseguem obter soluções aparentemente favoraveis, na pratica esterilizam-se no enredo complicadissimo das formalidades burocraticas, produzem sempre um irreparavel mal, qual o de matar no individuo o espirito de iniciativa e a confiança em si mesmo...

Recordámos acima a attitude historica e épica dos trabalhadores norte americanos em favor da jornada de oito horas, que resultou levar ao patibulo as cabeças dos seus mais convencidos e ardorosos militantes. Todavia nós, os trabalhadores em hotéis, restaurantes e anexos, decorridos 31 anos estendemos ainda as mãos descarnadas, com a voz tremula e suplice do mendigo que implora em vão uma miseravel esmola ao transeunte que passa indifferente: doze horas! doze horas!

Evidentemente somos bem faiceis de contentar!

Nós formamos uma idéa muito diversa daquela que a maioria da classe faz acerca da recente circular. Eles esperam muito candidamente, nas bastilhas onde são explorados que o representante da autoridade municipal compareça em cada caza afim de impedir que os patrões o forcem a trabalhar além do limitado pela lei. E nós, muito ao contrario, achamos que a efetivação dos intuitos da circular só será um fato no dia em a classe coletivamente se interessar por isso e não esperar comodamente de terceiros.

Cabe ao Centro Cosmopolita iniciar quanto antes uma ajitação no sentido de levantar o espirito da classe para preparar a resistencia aos abusos patronais, realizando continuas reuniões de propaganda conferencias educativas, etc.

Quadros sociais

O PROLETARIO

Madrugada. Densa neblina caia num dia gelido e frio de janeiro, deixando entrever vagamente o lusco-fusco dos candieiros da iluminação publica.

João Boyel, carpinteiro, com a sacola da ferramenta ao hombro, seguia rumo da cidade para trabalhar na construção de um gradde e mujestozo palacio que um ricao industrial havia mandado fazer numa das ruas da sombria e severa Londres.

João durante o labor cantava ou dirijia uma piada alegre aos seus camaradas de arduo trabalho.

Todos gostavam dele porque era alegre e rizonho. Mas quanta magna lhe ia n'alma! Que gosto amargo não tinha o orizo quelhe bailava nos labios! Assim fazia para esquecer sua dor, porque tinha cinco filhos pequenos que alimentar e um espoza carinhosa que muito amava, e os poucos vencimentos mal dava para sua subzistencia. Mas com grande e penozo sacrificio ia guiando o barco de sua atribulada vida, pelo mar revoltoto e cheio de escolhos que é a vida do proletario na sociedade burgueza, corrupta e putrefata, tão cheia de preconceitos vaos e delitnozos.

Passavam-se anos e sempre mourendo no arduo trabalho de carpinteiro, exposto ao sol e á chuva. Quanto mais trabalhava mais dificuldade ia encontrando porque os filhos cresciam e precisavam de educação. Então aquele que outrora era alegre e rizonho sentava-se no banco de trabalho, com a cabeça inclinada entre as mãos calozas, ficava mergulhado em pensamentos, deixando cair torrentes de lagrimas. De subito, levantava-se de punhos cerrados, e em explosões de incoñtada colera, exclamava: deixai estar esta corja capitalista, o dia do ajuste de conta

com os «tubarões do mar humano» hade chegar!

Mas, eis que vem chegando o inverno da vida a cobrir-lhe a cabeça de cans, e a depauperar-lhe as forças para a vida; como o inverno da natureza que cobre de neve a copa das arvores ezuberantes de viço, e os galhos nus das que lhe não resistem.

E então velho alquebrado e sem forças para o seu arduo trabalho, passava miseravelmente. O salario, que o filho mais velho ganhava, mal dava para pagar o aluguel do cazebe que habitavano bairro operario de Londres, onde a miseria é conhecida no lar dos que tudo produzem se ouve e constante fimir de taças de champagne que se chocam nas mãos dos lords, em regozijo de uma boa operação na Bolsa.

João Boyel, desculpava-se como podia quando o autoritario senhorio lhe batia á porta, ezijindo o aluguel do misero cazebe. E o arrogante senhorio, com o gesto comum aos potentados dizia-lhes: não foram desculpas que eu vim aqui buscar! João, com a voz entrecortada de lagrimas, triste lhe dizia: « não tenho dinheiro, peço que espdre mais uma vez.

João em vão supplicava. O senhorio acobertado pela lei, que só aos ricos protege, ameaçava-o com a rua; João olhando para a sua companheira de infortunio, deixava cair os braços de pauperados. Como não tinha mais vigor para trabalhar no seu odio, e precisava de subzistencia para si e para os seus, fez-se vija de um Banco.

Exposto á chuva e ao frio estava sempre vijilante, como uma sentinela, á larga e iluminada porta do Banco que nas trevas da noite mais parecia uma boca enorme sempre aberta para absorver a vida, a saúde e o sangue do proletario, representado no «sonante e vil metal», que a burgueza capitalista acumula para escravizar o operario incoñciente, e da a exploração do homem pelo homem.

João, mal se podia abrigar das chuvas que caiam, porque não lhe era dado penetrar no interior do edificio, e como a sua idade era um tanto avançada contraiu uma doença que o levou ao leito; e ainda não tinha decorrido uma sumana, morria cercado dos seus, maldizendo esta sociedade putrefata. E assim se finou o pobre João, vitima do constante vija, com zelo e dedicação, o Banco cujos cofres guardavam aquilo que o fazia vitima.

Santos Cruz.

JEWsbury & BROWN'S

Manchester, England

Quinine Tonic Dry Ginger Ale

Sole Agent: C. N. Lefebvre Rio de Janeiro

AOS LEITORES

A após um breve periodo de interrupção reaparece hoje «O Cosmopolita», disposto a proseguir intenerato na propaganda dos principios de emancipação humana, fustigando os abusos, stigmatizando a exploração, combatendo o erro e o preconceito, realizando em suma uma obra de cultura e combate, modestamente embora, na escassa medida dos recursos intellectuais daquelles que, não por uma vã preocupação esibicionista, collocaram-se á sua frente afim de concorrerem ao seu grão de gloria para a grande obra de comum emancipação.

O seu breve desaparecimento da arena onde se travam as justas laboriozas e fecundas pelas circundações proletarias, explica-se pela necessidade de ser tomada medida tendente a tornar-se viavel a sua existencia e regularizar a sua publicação. Para esse fim o Grupo Editor resolveu adquirir o material tipografico necessario e confegão. Adquirido este e refundida a organização do Grupo Editor, retomamos a nossa tarefa cada vez mais compenetrados da necessidade de elevarmos bem alto as nossas aspirações de bem estar e liberdade.

O Grupo Editor

O MILITARISMO

Uma vez no rejimento cessam de funcionar todas as molas da resistencia moral. A personalidade desaparece.

O homem dezagregado do cazal, separado do par, é apenas um individuo mutilado do seu todo perfeito, fisiologica e socialmente.

Abdica do nome, e passa a não ser na sociedade mais do que um algarismo. Era o carpinteiro João da Isabel—um cidadão, principia a ser o 39 da la. Um soldado.

Era obrigado a ganhar uma renda de casa, dois ou tres jantares para si, para sua mãe e irmã, começa a não precisar de ganhar cousa nenhuma.

O estado encarrega-se de ganhar por ele, de distribuir o ganho, de gerir, de poupar, de economizar, de refletir e de pensar.

O soldado póde dar um nó cégo na sua intelligencia e pregala com um parafuso no casco da baretina, porque não torna a precizar dela senão no dia em que o pizerem ontra vez á porta da caserna com quinze dias de «pret» no fundo da aljibeira e com um tubo de lata a tiracolo com a baixa dentro.

Até esse dia, o Estado faz-lhe a cozinha e dá-lhe em cada dia um pão e duas marmitas com caldo, uma de manhã, e outra á tarde. O Estado veste-o e calça-o. Encarrega-se-lhe tambem da honra, da dignidade, do brio: o brio a dignidade, a honra para ele ficou sendo um pedaço de seda azul e branca com as armas reais bordadas no centro entre uma corõa de carvalho. Esse é o simbolo pelo qual ele deve sacrificar-se e morrer.

O Estado dá-lhe egualmente os modos, os gostos, as maneiras — maneiras uniformes, como as de todos os demais numeros do rejimento, pantadas á regua, medidas á feira, certas, firmes, automaticas impostas á chibata pelo sargento instrutor, na escola de recrutadas.

Uma simples corneta substitue para todos os efeitos a applicação da sua vontade a todas as suas açoes. Essa corneta toca a levantar, toca a deitar, toca a co-

mer, toca a lavar a cara, toca a andar, depressa, toca a andar de vagar, toca a correr, toca a ficar parado, toca a sentar-se, toca á fachina e toca ao silencio.

O soldado completamente imbecilizado pela disciplina, deixa de ser um homem, é ainda menos do que um animal: não passa de uma pura maquina de obediencia, a que se dá corda todos os dias pela manhã, soprando num clarim.

Ramalho Ortigão.

BILZ Delicioso refrigerante. Espumantes sem álcool. Telefone 2361 CENTRAL

Ao Balcão Braziliense

N. 6 — BALCÃO — N. 6 MERCADO DE FLORES

Flores Naturaes

Fabrica de Cerveja Oriente de José Vasquez Ferro Rua Visconde do Rio Branco 30



GARIBALDI

Pitoresco parc ao ar livre

(Entrada pela rua da Constituição 35)

TELEPHONE C. 1574

Rio de Janeiro

Deposito das Aguas Minerais e Licores da Companhia Antartica

Gonçalves Dias, 85

TELEPHONE: Norte 192

ARTHUR AGUIAR

VENDER CAMBUQUIRA

Empreza Cambuquira

Agente geral:

Alvaro Guimarães

Fabrica de Xaropes e Licores Finos

Premiados com medalhas de Ouro em todas as Exposições

Grande Premio 1908

M. Gérin & C.

Telephone, 887 Central — End. Teleg. Gérin

49, Rua de S. José, 48

RIO DE JANEIRO

Café e Bilhares do Campo

Casa especial em, café, chocolate, leite de Minas, mingaus, gemadas e ceias

ABERTO TODA A NOITE

José Antonio de Azevedo

R. Frei Caneca 1

Canto da Praça da Republica e esquina da Rua Barão do Rio Branco

RIO DE JANEIRO

RIO DÃO VINHO DE MEZA PREFERIDO

IMPORTADORES

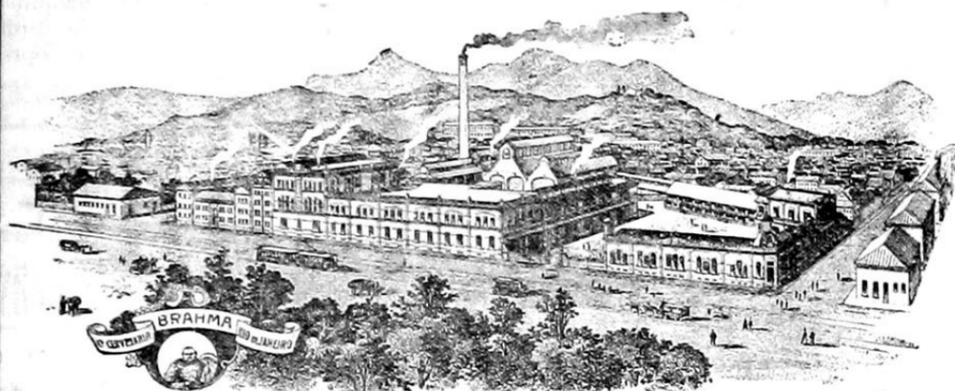
J. FERREIRA & COMP.

CERVEJA PARK BIER -- Estomacal e nutritiva

PRAÇA TIRADENTES, 27

LEITERIA MACACO advertisement featuring a monkey illustration and text: 'EMILIO BOUZAN', '62, AVENIDA GOMES FREIRE, 62', 'RIO DE JANEIRO'.

Cervejaria Brahma



Recomenda as suas
afamadas marcas:



Fidalga Malzbier Brahma Porter

que são as preferidas pelas pessoas de bom gosto

BEBAM

CAXAMBÚ

A soberana das
aguas de meza

CERVEJARIA BOHEMIA

Prefijam sempre as nossas cervejas

Vienna, Aurora, Serrana e Petropolis

DEPOZITO GERAL:

RUA SENADOR POMPEU, 296

TELEPHONE: 6099 NORTE

ALFAIATARIA SANTOS DUMONT

Especialidade em
jaquetas de alpa-
ca e brancas para
"garçons" de res-
taurants, cafés, bars, brasseries, etc., etc. — Preços modicos

192, Rua 7 de Setembro, 192

'Caza Rist'

Depozito excluzivo de produtos
nacionais

VINHOS E CONSERVAS

Rua 7 de Setembro n. 77



Telefone 455 - Central

BEBAM

SALUTARIS

A Rainha das

Aguas de Mesa

CENTRO COSMOPOLITA Séde: RUADO SENADO 215--217
(TELEPHONE 1499 CENTRAL)

Esta sociedade, fundada em 31 de Julho de 1903, incumbe-se de fornecer ás exmas. familias, confeitarias, hotéis, restaurants
clubs, bars e demais cazas deste ramo, pessoal competente
para banquetes, cazamentos, pic-nics, etc. etc., não só na capital como no interior, responsabilizando-se pelo mesmo

Aluga o seu vasto salão para festivais, conferencias e outros atos de reconhecida moralidade

Atende e chamados todos os dias uteis das 7 ás 22 horas e aos domingos até ao meio dia

